

World Dog Show: espécies companheiras e responsabilidade no maior evento de exposição canina do mundo¹

Alana Pacheco dos Reis Verani

Doutoranda em Antropologia Social/Universidade Federal de Santa Catarina

<https://orcid.org/0000-0003-0814-1054>

alanareisverani@gmail.com

As fotografias apresentadas neste ensaio foram feitas durante meu trabalho de campo entre os dias nove e onze de dezembro de 2022 no World Dog Show, evento mundial de cinofilia que ocorreu na cidade de São Paulo. Aqui, proponho reflexões sobre alguns aspectos, que percebi ao longo do evento, a partir de um conjunto de ideias da bióloga e filósofa feminista estadunidense Donna Haraway sobre *espécies companheiras e responsabilidade*.

O evento anual World Dog Show é promovido pela Fédération Cynologique Internationale (FCI) com Kennel Clubes do país sede que, no caso etnografado, foi a Confederação Brasileira de Cinofilia – antiga Confederação Brasil Kennel Club (CBKC). A edição no Brasil teve mais de cinco mil cães inscritos entre as exposições do centenário da CBKC e o mundial. Além da competição de beleza, o evento contou com apresentações de provas de obediência e, pela primeira vez, a competição de *groomers*² ocorreu no mesmo espaço.

1 Este trabalho faz parte de um projeto de pesquisa maior, desenvolvido pela autora, com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

2 *Groomer* é como são chamados os profissionais de estética canina. No meio comercial pet, também podem ser chamados de tosadores, mas noto que as pessoas que tendem a usar o termo *groomer* aqui no Brasil são pessoas que participam de competições de estética. Pela primeira vez o World Dog Show contou com uma competição de estética no mesmo espaço, o concurso de Grooming Show Internacional FCI Americas e Caribe.

As exposições de cães são competições de beleza e conformidade da raça. Ao longo de minha participação na exposição, pude perceber a sua dinâmica e as modalidades da competição. A que leva ao “best in show”, prêmio mais cobiçado da competição, tem início nas “especializadas”, em que todos os cães de determinada raça competem entre si. O melhor de cada raça competirá com os melhores dentro do seu grupo³, e o melhor de cada grupo irá competir com os outros, momento em que o melhor da exposição vence. Há também outras modalidades de competição como: duplas ou parselhas, grupos de criação, progênie e melhor veterano⁴.

Ao andar pelos corredores entre os ringues não pude deixar de me fascinar com a beleza dos animais, assim como a dedicação e o trabalho dos criadores e *handlers*⁵ na preparação de cada animal. Observando a estrutura do evento, as pessoas e os animais que circulavam pelos corredores, em muitos momentos me peguei refletindo sobre o livro “O manifesto das espécies companheiras”, de Donna Haraway (2021). Mais do que olhar para os organismos humanos que estavam ali, eu olhava para os cães e sua infinidade de raças, muitas das quais eu nunca tinha visto pessoalmente, somente em revistas específicas de criadores e anuários de raças, e outras que eu nem sequer sabia que existiam.

Diante de toda a pluralidade de animais, tive a certeza de estar à frente de relações interespecíficas de espécies companheiras. Cada animal, humano e não-humano, trazia sua historicidade (Toren, 2005) enquanto indivíduo, mas também enquanto representante da relação entre humanos e cães. O que quero dizer com isso é que, de acordo com a maneira como a relação de uso (cf. Haraway, 2011, p. 34) entre humanos e cachorros se desenvolveu, a forma dos cães também se modificou. A infinidade de raças que estavam presentes era a sua prova. Assim como a historicidade de cada indivíduo canino e de sua relação com os humanos que os estavam preparando para apresentação era evidente na maneira que seus comportamentos os diferenciavam de seus pares de raça, a história particular de cada

3 A Fédération Cynologique Internationale divide as raças de cães em dez grupos, sendo eles: Grupo 1 - Pastores e boiadeiros, exceto suíços; Grupo 2 - Pinscher, Schnauzer, Molossos e Boiadeiros Suíços; Grupo 3 - Terriers; Grupo 4 - Dachshunds; Grupo 5 - Spitz e tipos primitivos; Grupo 6 - Sabujos e Rastreadores; Grupo 7 - Cães de Aponte; Grupo 8 - Retrievers, Levantadores e d'Água; Grupo 9 - Cães de Companhia; Grupo 10 - Galgos e Lebreiros. A Confederação Brasileira de Cinofilia, para além dos 10 grupos reconhecidos pela FCI, acrescenta o Grupo 11 - Não reconhecidos pelo FCI, em que estão raças reconhecidas pela confederação. As informações estão disponíveis nos sites da federação e da confederação (<https://www.fci.be/en/Nomenclature/> e <https://cbkc.org/racas>).

4 As *duplas*, ou *parselhas*, é a modalidade em que um casal da mesma raça e do mesmo proprietário competem com outras duplas. Já na modalidade de *grupos de criação* são avaliados grupos de três a cinco cães com origem no mesmo canil, podendo ser de proprietários diferentes. Na modalidade *progênie* são avaliados um padreador ou matriz com três a cinco exemplares de suas crias. E no melhor *veterano* competem cães acima de oito anos.

5 *Handlers* são as pessoas que apresentam os cães nos ringues para os juízes. Podem ser profissionais contratados com habilidade e treinamento específico para a posição ou os próprios criadores.

raça e as particularidades de cada um (Toren, 2005). Nas competições especializadas, em que havia muitos exemplares da mesma raça, podíamos ver o temperamento considerado da raça, mas também a individualidade de cada animal.

Mas o fato curioso dessa relação de espécies companheiras, que tratamos aqui, é que há a classificação das raças de cachorros, que leva em consideração a relação de uso pela ótica humana, e isso transparecia a todo momento no evento. Para além da vaga ideia de pessoas que não estão familiarizadas com a organização de cães de raça, de que cães podem ser divididos entre “de trabalho” e “companhia”, a FCI divide os animais em dez grupos de raças com padrões reconhecidos.

A vivência histórica cachorros-humanos foi pontuada diversas vezes ao longo do evento. Os cães eram apresentados não somente a partir da visão romantizada do “melhor amigo do homem”, mas era evidenciada a parceria de milênios entre as espécies. Uma das vezes que notei tal aspecto foi na abertura das apresentações de obediência no segundo dia que estive presente, terceiro dia de evento.

O mestre de cerimônia das apresentações falava sobre o quanto os cães foram fundamentais para a evolução da espécie humana e que por conta da parceria os homens conseguiram domesticar outros animais, caçar e ter segurança. A apresentação consistia em uma cadela Border Collie pastorear um casal de gansos de acordo com os sinais sonoros, que pareciam assobios, juntamente com gestos feitos com uma bengala por seu dono. Após a apresentação, o mestre de cerimônia entrevista o fazendeiro, que comenta que a forma com que seus cães lidam com os animais a serem pastoreados muda conforme a espécie – e, assim, sua cadela era mais delicada quando trabalhava com gansos do que com gado.

Mas em tal relação de uso, ou entre espécies companheiras, para haver o cuidado e o compartilhamento da dor, segundo Donna Haraway, é necessário a responsabilidade. A responsabilidade, entendida como a habilidade de responder, se dá a partir da construção de um relacionamento em que o outro passa a existir. Trata-se de construir laços de cuidado e compromisso com aqueles que são diferentes de nós, mas com os quais estamos interligados. Para a construção dessa habilidade, devemos aprender a aprender e a descobrir como coabitar um mundo multiespécie, que exige disposição para o aprendizado de sensibilidades que devem se atentar para as diferenças – em outras palavras, deve-se aprender a conhecer mais. Em sua proposta, Haraway propõe que a responsabilidade não é algo que se dá de forma unidirecional, mas que é uma relação que se constrói em práticas cotidianas de atenção e cuidado, e que leva em consideração as consequências de nossas ações no mundo compartilhado.

Nem todas as pessoas que estavam no evento estavam ali por “amarem” cães e suas raças; havia, por exemplo, pessoas que estavam a trabalho, como os funcionários de segurança e limpeza. Com essas pessoas, tive pequenos diálogos, mas que trouxeram pensamentos muito diferentes daqueles dos criadores ou dos amantes de cães. Em um destes casos, ainda no primeiro dia de evento, troquei rápidas palavras com uma senhora funcionária da limpeza:

Eu estava em meio ao corredor com a câmera fotográfica em mãos batendo uma fotografia de um cão que eu não sei identificar a raça, estava na dúvida se era um Cão de Água Português. Era um cão grande, com pelos crespos marrons. Quando estava batendo a foto daquele cachorro que, ao mesmo tempo que estava muito curioso comigo, me olhando nos olhos, estava com medo; ficou me olhando, prestando muita atenção ao que eu fazia, mas sentou no meio das pernas de quem segurava sua guia.

Percebi que estava atrapalhando uma senhora terceirizada da limpeza, sorri e ela sorriu de volta. Era uma senhora que devia ter por volta dos cinquenta anos, mais baixa que eu, cabelos grisalhos presos em um rabo de cavalo, estava uniformizada e segurava em uma mão uma vassoura e um rodo, e outros equipamentos. Toda hora havia pessoas fazendo a limpeza dos corredores, mesmo que houvesse distribuidores de saquinhos para o recolhimento do cocô, como aqueles de verduras e frutas nos supermercados. Os animais faziam xixi e raramente os cocôs não sujavam o chão.

Mas quando eu sorri para ela, e ela me deu abertura sorrindo de volta, falei como se pedisse desculpa por estar em seu caminho: “São lindos, não é?”, me justificando por estar no meio do corredor agachada, atrapalhando o fluxo. Ela para em minha frente e diz que “sim, todos lindos, todos os tamanhos são lindos”. Eu apontei para um Dogue Alemão preto e branco, um animal belíssimo de olhos azuis. Mas para minha surpresa, ao invés de somente concordar comigo, diz “Mas parece triste”, apontando para o Dogue Alemão que olhava para nós. Eu falei que devia ser pelo formato do rosto e dos olhos caídos, típicos da raça, e ela, seguindo o seu caminho no corredor, continua falando que - mal escuto quando disse - “São os olhos, ele parece triste, outros também, acho que são tristes”. E depois do encontro dessa senhora, eu não consegui mais os ver da mesma forma, passei a observar o olhar deles e, de fato, muitos pareciam tristes (Diário de Campo, 9 de dezembro de 2022).

Com o encontro com essa senhora, passei a observar com muito mais atenção o olhar dos cães e o comportamento deles no evento, tentando perceber se eles estavam felizes. Imagino que haja uma linguagem canina como rabinhos abanando para cães alegres, rosnados e latidos para o estresse e para alertar os tutores. Mas fiquei atenta aos

olhares, ou melhor, à troca de olhares entre cães e humanos, e os contatos físicos entre eles.

É interessante vermos a forma com que a senhora percebia o comportamento dos animais ali presentes, diferentemente das outras pessoas habituadas àquele espaço. Ouso dizer que tal percepção se deve ao fato de a realidade vivida por essa senhora ser diferente dos outros e, assim, sua particularidade a leva a construir noções diferentes, inclusive de cuidado. A forma com que a senhora *responde* (cf. Haraway, 2011) é diferente, pois ela aprendeu a aprender a ler os sinais dos animais de forma diferenciada das pessoas que estão imersas no mundo das exposições caninas, assim como eu.

De acordo com Donna Haraway (2011, 2019), as necessidades e justificativas racionais para a relação de uso de animais não diminuem as obrigações de cuidado e do compartilhamento de dor. Os cães não eram animais de laboratório mas, ainda assim, a viagem para o estrangeiro e o centro de exposições não eram habituais. Ainda mais se considerarmos questões como o estresse de um ambiente cheio de estímulos diferentes, como os cheiros de outros animais e o calor que estava em São Paulo naqueles dias.

Assim, quais cuidados e formas de compartilhar a dor estavam sendo praticadas por aquelas pessoas que pude presenciar? Como tratar tal situação levando em conta a noção de responsabilidade de Haraway? A autora propõe que o florescimento do olhar multiespécie leve em consideração as diferenças irreduzíveis de cada espécie, visando o bem-estar dos animais e os respeitando.

Para além de todo o cuidado com a pelagem e os preparativos para boas apresentações, presenciei muitos momentos e cuidados que se enquadram na noção de responsabilidade da autora. Vi muitos animais com protetores de orelhas, principalmente as raças que teriam audição mais aguçada, assim como ventiladores e panos úmidos sendo utilizados para refrescar os animais do calor e da sensação de abafamento. Para cães de pequeno porte ou animais pesados, para os quais a locomoção seria um problema ou até mesmo risco, casinhas com rodas e carrinhos semelhantes a carrinhos de bebês eram usados. Normalmente, os objetos que os animais usavam tinham brilhos, tecidos que chamavam a atenção e, principalmente, se fosse o caso de vencedores de alguma modalidade, estavam com faixas de vencedores. O chamar a atenção para o seu animal é um aspecto bem importante, em se tratando de um evento que tanto prestígio quanto dinheiro estão em jogo.

A utilização dos espaços dos ringues menores para momentos de lazer e tranquilidade quando a competição passava a ocorrer no ringue principal também me chamou a atenção. Devo concordar com um desconhecido que me interpelou enquanto eu

batia uma fotografia de uma senhora brincando com seus dois Yorkshires Terriers, quando disse “É isso que é bom de ver aqui”. Adultos e crianças brincavam e treinavam com seus cães, corriam, descansavam e esperavam.

Não posso dizer que todas as relações entre cachorros e humanos eram da forma respeitosa para a qual eu chamo a atenção aqui. Quaisquer maus-tratos poderiam ser denunciados e os concorrentes retirados da competição. Não vi nada nesse sentido, exceto uma senhora que, ao apresentar seu cão no ringue principal, puxou demais a guia e o animal ficou incomodado, o que gerou comoção na plateia imediatamente. Certamente, o que mais vi foram expressões de afeto, carinho e cuidado entre humanos e animais.

Referências

Confederação Brasileira de Cinofilia. *Raças*. Rio de Janeiro, Brasil. Disponível em: <https://cbkc.org/racas>. Último acesso em 24 de janeiro de 2023.

Fédération Cynologique Internationale (2023). *Breeds*. Thuin, Bélgica. Disponível em: <https://www.fci.be/en/Nomenclature/>. Último acesso em 24 de janeiro de 2023.

Haraway, Donna (2011). A partilha do sofrimento. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 17(35), pp. 27-64.

____ (2021). *O manifesto das espécies companheiras: Cachorros, pessoas e alteridade significativa*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.

____ (2019). *Seguir con el problema: Generar parentesco en el Chthuluceno*. Bilbao: Consonni.

Toren, Christina (2005). *Mind, materiality and history: Explorations in Fijian Ethnography*. New York: Routledge.

Recebido em 17 de julho de 2024.

Aceito em 19 de novembro de 2024.



Figura 1.
Acervo da pesquisadora, 2022.



Figura 2.
Acervo da pesquisadora, 2022.



Figura 3.
Acervo da pesquisadora, 2022.



Figura 4.
Acervo da pesquisadora, 2022.



Figura 5.
Acervo da pesquisadora, 2022.



Figura 6.
Acervo da pesquisadora, 2022.



Figura 7.
Acervo da pesquisadora, 2022.



Figura 8.
Acervo da pesquisadora, 2022.



Figura 9.
Acervo da pesquisadora, 2022.



Figura 10.
Acervo da pesquisadora, 2022.

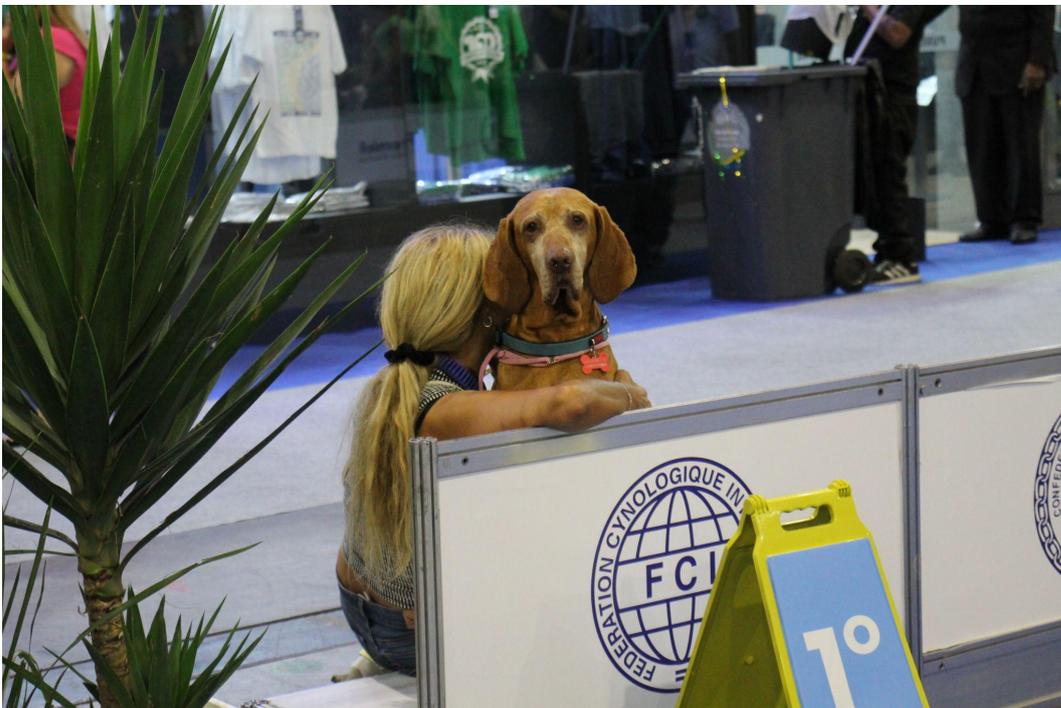


Figura 11.
Acervo da pesquisadora, 2022.



Figura 12.
Acervo da pesquisadora, 2022.

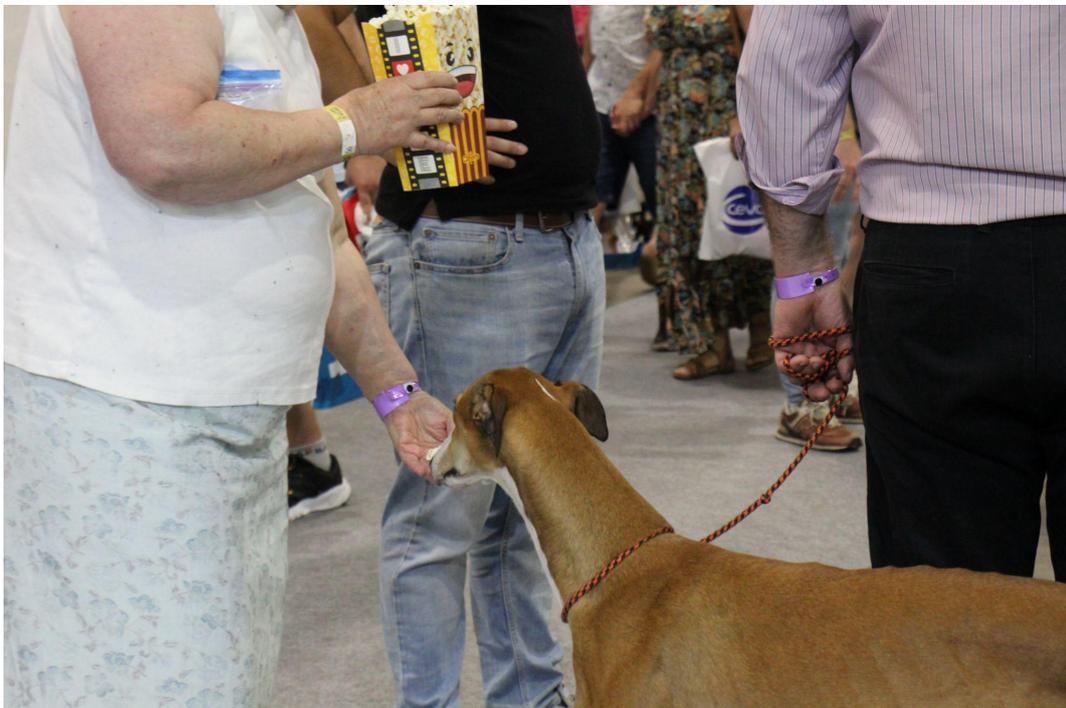


Figura 13.
Acervo da pesquisadora, 2022.



Figura 14.
Acervo da pesquisadora, 2022.

World Dog Show: espécies companheiras e responsabilidade no maior evento de exposição canina do mundo

Resumo

Neste ensaio fotográfico, apresento imagens feitas durante meu trabalho de campo no World Dog Show, que ocorreu em São Paulo em 2022. Faço reflexões de aspectos que percebi ao longo do trabalho de campo a partir das ideias de Donna Haraway sobre *espécies companheiras e responsabilidade*.

Palavras-chave: Cinofilia; Espécies Companheiras; Responsabilidade; Cães.

World Dog Show: companion species and responsibility at the biggest canine exhibition in the world

Abstract

In this photo essay, I present images taken during my fieldwork at the 2022 World Dog Show in São Paulo. I reflect on aspects I noticed during my fieldwork, based on Donna Haraway's ideas about *companion species* and *responsibility*.

Keywords: Cynophilia; Companion Species; Responsibility; Dogs.